

Sobre [viver] no Labirinto Digital: Desafios da Condição Humana na Era da Tecnologia

Isabel Orestes Silveira¹

Carlos Motta²

Introdução

Ao longo da trajetória histórica e da vivência da humanidade diversas culturas desenvolveram suas próprias interpretações para compreender as interações entre o ser humano e a natureza. A exploração para desvendar fenômenos complexos resultou na percepção da finitude e, conseqüentemente, na percepção da passagem inexorável do tempo. Através de observações, experimentos e estudos, ocorreram avanços inovadores nos campos da ciência e da tecnologia, essenciais para provocar transformações diárias e sociais em todas as esferas. Estas transformações promovem a transição de um paradigma enraizado em uma visão mitológica para outro fundamentado em explicações científicas. Dessa forma, as vivências humanas e suas relações com o meio ambiente propiciaram a aquisição de novas aptidões, a ampliação do saber e a construção de nossa identidade.

O conhecimento derivado da premissa de que o ser humano recebeu a natureza como dádiva para retirar dela os recursos necessários, possibilitou o surgimento de uma era científica que prontamente abarcou todos os aspectos da existência humana, sejam eles individuais ou coletivos, locais ou globais, culturais ou econômicos, seculares ou religiosos, técnicos, estéticos e éticos, entre outros. Como consequência, é evidente o notável aumento em nossa longevidade quando comparamos a expectativa de vida atual com a de nossos antepassados.

O expressivo acréscimo na expectativa de vida está alinhado a essa peculiaridade humana que envolve inteligência e destaca a capacidade da espécie em adaptar-se e buscar

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica PUC/SP. Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo- UNESP. Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM e da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM. Líder do grupo de Pesquisa – CNPq: Linguagem, Identidade e Sociedade: estudos sobre Mídias (Mackenzie) e pesquisadora do Grupo: Processos de Criação (PUC/SP). Autoras de livros acadêmicos e artista visual.

² Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RIO. Professor de filosofia na FAPCOM, Faculdade Paulus de Comunicação e Tecnologia. É também pesquisador de filosofia e literatura e fotógrafo.

recursos para perdurar ao longo do tempo, alterando o ambiente (mundo) para adequá-lo às suas necessidades. Enquanto o espaço e sua disposição para atender aos nossos interesses têm sido recursos plenamente disponíveis e dominados pelo emprego de nossas tecnologias, o tempo tem se revelado um elemento um tanto esquivo e resistente às nossas intenções. Neste sentido,

[...] é sabido desde a própria origem do pensar filosófico que o tempo é um enigma e um desafio insolúvel que se coloca ante a nossa capacidade de compreensão. [...] A experiência do tempo é penetrante, íntima e imediata [...] o tempo é um componente de todas as formas de conhecimento humano, de todos os modos de expressão e está associado às funções da mente. É também um aspecto funcional do Universo (WHITROW, 2005, p. 09 *apud* SILVEIRA, 2010, p. 20).

No tempo, “[...] todas as coisas tendem a permanecer [...] as coisas e objetos, a partir do momento em que se tornam existentes, ‘tentam’ durar, tentam permanecer” (VIEIRA, 2008a, p. 32). Este pressuposto assegura que “[...] O ser humano, na condição de espécie, tenta adaptar-se ao meio ambiente, buscando sempre “autonomia e memória”, na tentativa de permanecer no tempo (VIEIRA, 2008b, p. 19).

Isso posto, destaca-se que o objetivo de nossa reflexão parte da hipótese de que “o tempo é nossa dimensão existencial e fundamental; é a base da criatividade [...]” (PRIGOGINE, 2003, p. 13).

Portanto, a busca por soluções inovadoras para alcançar uma vida confortável e de qualidade é impulsionada pelo anseio intrínseco do ser humano de perdurar. Nesse contexto, almeja-se relacionar a aspiração de permanência com a consciência da finitude, destacando que o ser humano elabora estratégias para deixar sua marca no tempo, numa tentativa de deter a marcha da vida rumo à morte. Dessa forma, a problematização que se apresenta destaca indagações relevantes: até que ponto os progressos da tecnologia digital intensificam o desejo humano de ocupar um lugar significativo na história e subsistir através do tempo? Como indivíduos e sociedades podem se preparar para um mundo cada vez mais moldado pela inteligência artificial?

Para essa investigação, optou-se pela abordagem qualitativa com base bibliográfica, na qual autores como Vieira (2008), Han (2007), Silveira (2010), Motta (2014/2023) e outros podem fundamentar os argumentos subsequentes. Inicialmente, busca-se explorar a temática da motivação humana para a permanência, para, em seguida, compreender os mecanismos que ora se revelam extremamente inventivos e inteligentes, ora evidenciam ações humanas que sublinham a incompletude da natureza de nossa

espécie. Neste ponto reside a vigorosa base e a trajetória argumentativa desta reflexão, uma vez que o propósito é criar um espaço para indagações, contribuições e críticas. Isso ocorre porque se trata de uma empreitada aberta, em constante evolução e não sujeita a conclusões definitivas.

Como transformar a procura pela durabilidade em um impulso constante?

Francis Bacon (1561-1626) é reconhecido como o pensador emblemático da era industrial, sendo o primeiro a conceber a existência humana e seu progresso totalmente vinculados à evolução do domínio tecnológico sobre a natureza. Para Bacon, o conhecimento representava poder, e esse poder traduzia-se no controle absoluto dos processos naturais e na diligente produção dos meios essenciais para sustentar a vida humana.

Contudo, essa abordagem ainda não satisfazia inteiramente o filósofo inglês. Afinal, muitos poderiam contentar-se em sobreviver com o mínimo e por um período limitado, sendo que a "indústria" já existente poderia suprir facilmente todas as necessidades. Era necessário algo mais instigante para despertar, nos homens do início do século XVII, o anseio pelo progresso.

A solução imaginativa e perspicaz de Bacon foi fundamentar sua proposta de instituição de um novo espírito científico a partir de uma interpretação singular do mito da criação de Adão, presente no livro bíblico de Gênesis. Segundo a narrativa, Deus formou Adão a partir de um boneco de barro e lhe deu vida ao soprar em suas narinas. Para assegurar a sobrevivência de Adão, Deus o colocou no Jardim do Éden, também conhecido como Paraíso.

É nesse jardim divino que Bacon encontra a primeira chave interpretativa para conectar suas propostas filosóficas aos valores cristãos tão significativos para seus contemporâneos. Para ele, o jardim não é simplesmente um bosque, floresta ou planície fértil. Não! O jardim é um dispositivo tecnológico, formado por um arranjo inteligente de elementos naturais que raramente ocorrem juntos (como água fluindo constantemente, flores e frutos de cores, sabores e épocas distintas, etc.). Embora seus componentes sejam naturalmente dados, o jardim é a criação que resulta desse arranjo e proporciona conforto ao desfrutar de seus frutos, abrigo, proteção e mais.

Adão foi, então, criado para viver confortavelmente, sem grandes esforços diários, graças à tecnologia do jardim construído por Deus. Bacon acredita que não há problema em utilizar a tecnologia para restabelecer essa condição inicial de existência ao homem.

Além disso, Bacon destaca outra característica fundamental da condição inicial do homem, personificada por Adão: no Éden, não há morte. Desde a criação, Deus deseja que o homem viva muito, talvez para sempre. Não é um ato arbitrário da vontade divina, mas um incidente moral que priva Adão do direito de permanecer nessas condições extremamente favoráveis. Condenados a viver fora do paraíso, separados do plano original traçado para a humanidade, os homens não fariam mal se desejassem retornar à sua condição inicial de imortalidade e conforto.

Assim, Bacon conclui que cumpriríamos a vontade de Deus ao empreender esforços para desenvolver uma ciência capaz de proporcionar uma vida mais confortável e uma medicina que oferecesse meios de prolongar a existência, retardando ou diminuindo o adoecimento e o envelhecimento. Em outras palavras, Bacon propõe que o desenvolvimento tecnológico promova a restauração do homem à sua condição inicial de existência, conforme planejado por Deus. Pois, para Bacon, não é o excesso de conhecimento que desviará o homem de sua essência, mas sim o conhecimento, vão.

Se buscarmos o conhecimento correto, iremos ao encontro dos objetivos divinos para a humanidade:

Sendo, pois, tais a capacidade e o alcance da mente humana, é manifesto que não há perigo algum de que a proporção ou quantidade de conhecimento, por grande que seja, a faça inchar ou sair de si; não, mas sim que é qualidade do conhecimento, tanto se é mais como se é menos, se é tomado sem seu corretivo próprio, que traga em si algo de veneno ou malignidade, e alguns efeitos desse veneno, que são ventosidade ou inchaço. Esse tempero corretivo, cuja adição torna o conhecimento tão soberano, é a Caridade [...] (Bacon, 2007, p. 21-22).

Mesmo considerando que a exposição de Bacon possa ser vista como parte de uma estratégia persuasiva voltada para convencer os ingleses, especialmente o Rei James I, a se engajarem nos esforços necessários para instaurar uma era de avanço científico, é crucial ressaltar que sua interpretação única da Bíblia está alinhada a uma das características mais distintivas do ser humano: o desejo intrínseco de transcender a finitude da existência, buscando prolongar a vida. Alguns almejam alcançar tal feito por meio da prole, outros através de realizações notáveis, enquanto há aqueles que buscam deixar uma marca na história por meio de feitos grandiosos, como nobres com seus

sobrenomes, reformadores e heróis. Embora tenham sido muitos, são ainda poucos, principalmente por não representarem a esmagadora maioria, sendo exceções antes que regras.

Para pessoas comuns, como nós, restam poucos meios para garantir uma permanência ao longo do tempo. Tornar nossa passagem pelo mundo algo mais significativo para os outros parece ser um desafio considerável, agravando os dilemas e conflitos de nossa existência. A tecnologia, especialmente aquela desenvolvida nas últimas duas décadas, que denominamos genericamente como redes sociais, tem proporcionado formas de interação entre indivíduos e grupos que parecem atender satisfatoriamente à nossa necessidade interna de sermos socialmente relevantes. Talvez, seja uma tentativa de superar a barreira temporal imposta por nossa efêmera presença na Terra, oferecendo a ilusão de que permanecemos um pouco mais no mundo, seja na memória das pessoas ou nos registros dos arquivos virtuais.

Vencer o tempo emerge como a grande esperança humana e a mais significativa promessa da tecnologia.

Estratégias Humanas para Permanecer ao Longo do Tempo

É evidente que o tempo está intrinsecamente conectado a todas as dimensões da vida humana, seja do ponto de vista individual ou coletivo. Essa reflexão nos remete à pergunta perplexa de Santo Agostinho: "*Quid est enim tempus?*"³. Sua dificuldade residia em conceituar o termo, mas, mesmo sem definir o que é o tempo, existimos nele e desejamos permanecer.

O anseio ancestral por permanência e eternidade revela, por um lado, a recusa ao fim da existência e, por outro, evidencia a consciência da finitude. Além disso, aponta para a tentativa de suprir a carência de sentido e expõe a luta pela ausência de sofrimento e o desejo pela felicidade. São aspectos significativos que movem a humanidade a agir e buscar soluções que garantam sua existência e sobrevivência.

O contexto da busca por inovações exige do pensamento que opere de maneira criativa na busca de soluções, evocando a famosa frase de René Descartes em "O Discurso do Método": "*Cogito, ergo sum*". Essa expressão encapsulou a ideia de que a existência

³ "Que é o tempo?". Cf. ROBINET, Jean-François. **O tempo do pensamento**. Trad. Benôni Lemos, São Paulo: Paulus, 2004. (p. 66).

humana se deve ao exercício do pensamento e à capacidade de desenvolver o pensamento crítico e analítico. Assim como a dificuldade de Santo Agostinho em conceituar o tempo, tentar explicar a inteligência humana é uma tarefa complexa. Parafraseando o Bispo de Hipona, sabemos o que é inteligência quando não precisamos explicitar seu significado real.

Apesar de definições e conceitos, observamos que as ações humanas inteligentes impulsionaram a filosofia, a arte, a literatura, a cultura, as tradições, as formas de viver em sociedade e a transcendência, entre outras criações. Tudo isso revela uma grande capacidade criadora que deveria contribuir para o desenvolvimento humano, embora nem sempre tenha ocorrido.

Pressupostos, como a inteligência humana, a consciência da morte e o desejo de permanecer, indicam que o ser humano inteligente busca viver e viver bem. Uma tarefa desafiadora constantemente ameaçada por crises planetárias, como o esgotamento dos recursos naturais, genocídios, epidemias, doenças e guerras, que ameaçam a existência da espécie humana. Para sobreviver, o ser humano desenvolveu artefatos de alta tecnologia.

As inteligências artificiais (IA) desempenham um papel nesse requisito, para o bem e para o mal. Mesmo sem uma definição exata de inteligência natural entre os especialistas, é notável que o desenvolvimento de ferramentas digitais baseadas em algoritmos avançados tem entregado resultados surpreendentes, prometendo revolucionar a maneira como lidamos com a produção de conhecimento sistematizado, criação artística e técnica, entre outras aplicações. Além disso, podemos vislumbrar um futuro no qual máquinas projetarão outras máquinas, solucionando problemas para os quais ainda não encontramos respostas.

Atualmente, há ampla difusão e acesso a diversas formas de recursos tecnológicos capazes de realizar tarefas que exigiriam grande esforço das ações humanas. Exemplos incluem o desenvolvimento de IA na indústria, no setor automobilístico, na área financeira, no entretenimento, na segurança governamental, nos serviços públicos, na comunicação, na educação e na pesquisa científica, entre outras áreas.

De forma criativa, o ser humano desenvolve ferramentas e dispositivos de busca de informações, como os *chatbots* inteligentes (assistentes virtuais como *Siri* da *Apple*, *Alexa* da *Amazon*, *Google*), que fornecem respostas para buscas de informações. Outras inteligências artificiais possibilitam funções comunicativas, como tradução de idiomas e redação de texto pelo reconhecimento da voz. Dispositivos domésticos com IA

respondem perguntas, auxiliam na medicina e saúde, propondo diagnósticos e orientando cirurgias, entre outras ações. Assim, as conquistas humanas fazem uso da IA, fruto do desejo de criar sistemas que perdurem no tempo, de acordo com as palavras de Vieira:

A vida humana, mesmo sendo um sistema frágil, cria alternativas para sua sobrevivência. A visão sistêmica do mundo aponta características básicas e gerais de todos os sistemas: permanência no tempo, meio ambiente, autonomia, sensibilidade, memória. Convém destacar que o ato criativo apresenta um alto nível de complexidade e tende, *ipso facto*, a criar mecanismos para permanecer no tempo (2008b).

À medida que a procura humana por sistemas inteligentes alcançou êxito, ocorreram alterações nos métodos de trabalho, instrução, aprendizado e interação. Os conceitos de proximidade, abrangência e distância sofreram transformações notáveis, redefinindo a compreensão de tempo e espaço. Gilberto Gil já cantava essa transformação desde 1991 na canção *Parabolicamará*:

Antes mundo era pequeno
Porque Terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque Terra é pequena
Do tamanho da antena
Parabolicamará (Gil, 1991)

A internet viabiliza a comunicação online, proporcionando uma ampla facilidade na interconexão, visto que a comunicação, quase instantânea, possibilita o contato entre diversas culturas e o acesso a informações variadas de diferentes lugares, propondo diferentes perspectivas de mundo. A comunicação em rede também viabilizou o surgimento de comunidades virtuais fundamentadas em interesses comuns, intensificando cada vez mais a individualidade exacerbada, o que pode comprometer a segurança e a privacidade.

As Inteligências Artificiais (IAs) emergem como intermediárias entre nossos interesses e as informações produzidas globalmente, ampliando as funções desempenhadas por *chatbots*, assistentes virtuais e outras ferramentas. Isso nos permite economizar tempo em diversas atividades cotidianas, sejam elas profissionais, pessoais ou outras. No entanto, essa conveniência pode ocultar uma armadilha perigosa, uma vez que ficamos cada vez mais dependentes da capacidade dos algoritmos em selecionar

informações adequadas às nossas necessidades. O maior risco é promovermos uma ampla alienação em relação ao conhecimento e à sua produção.

O mundo hiperconectado pode criar a ilusão de liberdade, a sensação de ter adquirido conhecimento e o sentido de ser e estar no mundo. Ao recebermos informações cada vez mais articuladas, mas sem passarmos pelo processo de busca, seleção, avaliação crítica e síntese, acabamos adotando como nossas as ideias organizadas por *bots*, sem conhecimento sobre o autor real desses pensamentos. O processo exaustivo de busca por conhecimento seguro é substituído pela rapidez e facilidade das respostas oferecidas pelas IAs sendo bem-vindo, mas a qualidade dessas respostas e o grau de confiabilidade que podemos atribuir a elas tornam-se questões cruciais.

Entretanto, o indivíduo carrega consigo a sensação de esgotamento, e delegar algumas tarefas, mesmo que seja para uma máquina pensante, ajuda a aliviar um pouco o peso do trabalho. Nas palavras de Byung-Chul Han (2017), a sociedade do cansaço está relacionada à hipercomunicação, ao hiperdesempenho, à valorização da hiperatividade, das multitarefas e à busca por relacionamentos entre iguais nos ambientes digitais. Essa desatenção, euforia e agitação, devido à aceleração e ao excesso, desencadeiam doenças psicossomáticas, nervosismo, inquietação, insônia, fobias, vazio existencial, angústia, síndrome de burnout, depressão, entre outras enfermidades que afetam a psique e a alma, devido às exigências da sociedade da produção.

De maneira enfática, Han (2017, p. 71) afirma que o "cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando". E também diz que a "preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem-sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver" (HAN, 2017, p.33). Esta é uma marca distintiva de nosso tempo: somos tão demandados no cotidiano que mal sobra tempo para existirmos de modo autêntico.

A inautenticidade da existência torna-se mais dramática ao considerarmos o quanto a vida das pessoas ao nosso redor está condicionada às redes sociais e suas formas de apresentação, representação e interação. Em uma rede social, não existimos exatamente como indivíduos, mas como avatares, representantes de nós mesmos que atuam em primeira pessoa no ambiente virtual, embora não sejam pessoas "reais". O uso de avatares já era comum em comunidades de jogadores de RPG, e sua origem remonta ao hinduísmo, onde entidades divinas assumem formas físicas para se manifestarem aos humanos. O avatar de rede social não é nem um nem outro, pois no jogo os papéis já estão

definidos, e no hinduísmo, a divindade não tem existência material e precisa de um corpo emprestado para se manifestar. Nas redes sociais, construímos uma representação de nós mesmos e a apresentamos como nossa identidade.

Criar uma representação de si mesmo para ambientes virtuais não seria um problema, a menos que o avatar não represente o sujeito e seja uma projeção daquilo que ele não é, mas gostaria de ser. Os avatares funcionam como uma espécie de persona⁴, uma máscara a ser usada publicamente.

Uma cena cada vez mais comum entre estudantes universitários é a verificação da aparência. Até aqui, não parece haver problema, certo? No entanto, nos elevadores, onde é comum haver uma parede espelhada, vemos pessoas tirando fotos de si mesmas e conferindo a aparência pela imagem exibida. O que isso significa? Talvez que essas pessoas não sejam capazes de se reconhecer no espelho ou que precisem saber como ficariam se a foto fosse postada naquele instante em seus perfis sociais. Ambas as possibilidades são problemáticas, mas o maior perigo reside no fato de que os softwares de processamento de imagens em telefones celulares quase nunca entregam uma imagem limpa e autêntica, sem filtros, correções ou ajustes. Isso torna a imagem mais bonita, porém mais distante do sujeito fotografado. Se a imagem é postada, a representação social ou avatar também estará distante da existência real daquele sujeito.

Não por acaso, uma das grandes realizações das IAs de sucesso em 2023 (data deste texto) é o aprimoramento de imagens. Alguns softwares produzem variações de retratos pessoais para que as pessoas possam escolher qual será utilizada. Dessa forma, as IAs generativas, capazes de produzir conteúdo a partir de bases de dados, já estão sendo utilizadas para criar novas versões de nós mesmos para as redes. Assim, não é mais necessário desejar ou sonhar em ser diferente, pois até isso as IAs podem fazer por nós. A tecnologia permite que nossos perfis sejam armazenados na "nuvem", oferecendo garantias de permanência mesmo após adversidades sérias. Recentemente, testemunhamos alguém que postava ao vivo o pouso de seu avião e transmitiu sua própria morte quando o avião caiu; a existência da pessoa acabou, mas sua representação sobreviveu como avatar⁵.

⁴ Aqui tomamos como referência as considerações de Edward Castronova em *Theory of the Avatar* (Castronova, Edward, **Theory of the Avatar** (February 2003). Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=385103> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.385103>).

⁵ Por Zoya Mateen. BBC News, Delhi. 16 janeiro 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64298845>. Acesso em: 03/11/2023.

Sobre [viver] bem

Compreende-se que a representação do conhecimento pelas IAs não abrange a totalidade das complexidades da natureza humana. As IAs não presumem domínio sobre o conhecimento e as ambiguidades, contradições do comportamento e da linguagem humana que, dependendo do contexto, são utilizadas de maneiras diversas. Isso, sem entrar em detalhes sobre as variações e dinâmicas culturais, e outros fenômenos tipicamente humanos, como o raciocínio abstrato, a capacidade de realizar inferências, o potencial criativo, e, principalmente, as tomadas de decisões com base em valores morais ou éticos.

A limitação das IAs, entre outras deficiências, está na incapacidade de possuir consciência, intuição, subjetividade e interpretação, uma vez que operam com base em algoritmos, úteis para automatizar tarefas repetitivas, analisar grandes volumes de informações e propor soluções para problemas embasadas em conteúdos personalizados, dados fornecidos a elas.

Entretanto, ao contrário das IAs, "a inteligência humana é eminentemente vinculada a processos de aprendizagem: ao nascer, sabemos pouco do mundo, e ao interagir com a natureza e a sociedade ao nosso redor, adquirimos nossa capacidade de agir com inteligência" (GOSMAM, 2020, p.16). Também é crucial considerar que, ao nascer, ainda não somos nós mesmos, e a construção de nossa identidade pessoal é um processo que incorpora saberes, valores, afetos, experiências e vivências, além da imaginação, sonhos, crenças e muito mais⁶. É preocupante pensar que muitas experiências e vivências naturais aos humanos estão sendo substituídas por "experiências" mediadas pela tecnologia. O impacto na formação da inteligência já é percebido nas salas de aula, e a crescente dificuldade dos adolescentes em se relacionarem saudavelmente indica que a personalidade já é amplamente afetada pelas novas formas de interação. As IAs intensificarão esse fenômeno, sem dúvida.

Nesse contexto, é importante ponderarmos sobre como as tecnologias digitais e as mídias sociais podem ser benéficas e prejudiciais, espalhando danos. É crucial evitar uma

⁶ Para um aprofundamento da ideia de construção da identidade pessoal ver Motta, C. e Piza, S. (2014) "O que D. W. Winnicott diria a D. Hume? Sobre a identidade pessoal/ What would D. W. Winnicott say to D. Hume? An analysis of Personal Identity", *Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, 16(1). Disponível em: <https://revistas.dwee.com.br/index.php/NH/article/view/76>. Acesso em: 2 novembro 2023)

abordagem simplista e binária, como bem/mal, bom/ruim, descrença/credulidade, certo/errado. Essas polaridades nos remetem à indagação do sociólogo italiano Umberto Eco (1993), que questiona: "apocalípticos ou integrados?" ao descrever a sociedade, a comunicação e a cultura de massa de seu tempo. Algumas pessoas viam a mídia como nociva e promotora de alienação, os apocalípticos. Ao passo que outros eram mais otimistas e viam na cultura de massa uma ferramenta útil para ser usada de forma criativa, os integrados.

Portanto, como podemos usar essas ferramentas sem permitir que elas nos usem? Nisso, percebe-se a importância da reflexão sobre este tema atualizado, que demanda uma compreensão urgente. Trata-se de ter sabedoria para viver bem em meio a um contexto de aceleração, descarte e consumo. É um tempo em que o imperativo são os excessos: de vozes, imagens, mensagens e dados que alimentam esse sistema capaz de integrar todas as formas de expressões, textos, serviços, valores, criatividade, ideologias, interesses, conflitos sociais, interatividade etc., beneficiadas pelo computador e pela internet e principalmente pelo comportamento em rede.

Essa configuração tecnológica sedutora permite uma abordagem prática e cheia de esperança para nossas ferramentas online, mantendo-as em seu devido lugar - como ferramentas. É crucial posicionar-se diante dos desafios do nosso tempo, em que a "era de idolatria digital" está imposta, e viver equilibradamente, discernindo a potencialidade benéfica da tecnologia, mas encontrando disciplina e tempo para o exercício da atenção profunda e da meditação. É necessário experimentar o cansaço que exige uma pausa, para que depois se possa reiniciar as atividades laborais. Dessa forma, conseguimos a escuta amorosa, o relacionamento saudável, a empatia e a vivência da alteridade, atitudes necessárias para o desenvolvimento de uma vida plena e para o cultivo da criatividade genuína.

Considerações finais

Em conclusão, ao analisarmos o papel das Inteligências Artificiais (IAs) na contemporaneidade, percebemos uma dualidade marcante. Por um lado, admiramos a eficiência e a praticidade proporcionadas por essas tecnologias, que automatizam tarefas, processam grandes volumes de informações e oferecem soluções inovadoras. Contudo, ao examinarmos mais profundamente, notamos as limitações intrínsecas das IAs, que não

conseguem abranger a complexidade total da natureza humana, carecendo de consciência, intuição, subjetividade e interpretação.

A transformação da sociedade em uma era digital, hiperconectada e influenciada por tecnologias emergentes, suscita reflexões sobre o impacto na formação da inteligência e na construção da identidade pessoal. O avanço acelerado da tecnologia, embora ofereça inúmeras comodidades, também expõe os desafios de manter uma relação equilibrada entre o virtual e o real, entre a rapidez das respostas automáticas das IAs e a profunda reflexão humana.

As mídias sociais e as tecnologias digitais, ao mesmo tempo em que conectam globalmente, podem, paradoxalmente, gerar uma desconexão interpessoal, com a construção de avatares que representam versões idealizadas de nós mesmos. A sociedade do cansaço, conforme delineada por Byung-Chul Han, revela os perigos da hiperconectividade, do hiperdesempenho e da busca incessante por relacionamentos digitais.

Diante desse panorama, é crucial adotar uma postura reflexiva e crítica em relação ao uso dessas ferramentas, evitando uma visão maniqueísta e binária. A necessidade de discernimento e sabedoria para aproveitar os benefícios da tecnologia, ao mesmo tempo em que preservamos a profundidade das relações humanas, surge como um imperativo para uma vida plena e a promoção de uma criatividade autêntica.

A "era de idolatria digital" impõe desafios, mas, ao reconhecermos a importância da disciplina e do equilíbrio, podemos cultivar a atenção profunda, a meditação e a vivência da alteridade. Assim, almejamos uma coexistência harmoniosa entre a tecnologia e a autenticidade, construindo um futuro em que a inovação não sacrifique a essência humana, mas a enriqueça.

Referências

BACON, Francis. **O Progresso do conhecimento**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

Castronova, Edward. **Theory of the Avatar**. Disponível em: SSRN:

<https://ssrn.com/abstract=385103> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.385103>

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

GIL, Gilberto. *Parabolicamará*. **Gilberto Gil**, 2009. Disponível em:

<https://gilbertogil.com.br/noticias/producoes/detalhes/parabolicamara/>. Acesso em: 02/11/2023.

GOSMAM, Fábio G. *O Futuro da Pesquisa em Inteligência Artificial*. Revista USP: São Paulo • n. 124 • p. 11-20 • janeiro/fevereiro/março 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/167912/159993>. Acesso em: 10/10/2023.

HAN, Byung-Chul. *A Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

MOTTA, Carlos. **Introdução à epistemologia de Francis Bacon**. Nova Petrópolis, Editora Nova Harmonia, 2016.

MOTTA, C. e PIZA, S. (2014) **O que D. W. Winnicott diria a D. Hume? Sobre a identidade pessoal** [What would D. W. Winnicott say to D. Hume? An analysis of Personal Identity]. *Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, 16(1). Disponível em: <https://revistas.dwe.com.br/index.php/NH/article/view/76> (Acessado: 2 novembro 2023).

PRIGOGINE, Ilya. *O Fim da Certeza*. In: MENDES, Cândido (org.) e LARRETA, Enrique (ed.). *Representação e Complexidade* – Trad. Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2003.

ROBINET, Jean-François. *O tempo do pensamento*. Trad. Benôni Lemos, São Paulo: Paulus, 2004.

SILVEIRA, Isabel Orestes. *Tempo, Semiose e Cultura: uma visão sistêmica sobre os processos de criação no design gráfico brasileiro*. Tese de doutorado, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Linha de Pesquisa: Processos de Criação nas mídias da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC/SP – 2010.

VIEIRA, Jorge. *Ontologia sistêmica e complexidade: formas de conhecimento – arte e ciência – uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008a.

VIEIRA, Jorge. *Teoria do conhecimento e arte: formas de conhecimento – arte e ciência – uma visão a partir da complexidade*. Fortaleza: Expressão, 2008b.

WHITROW, Gerald James. *Uma visão clássica sobre a natureza do tempo*. Trad. Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.